



# USP terá modelo japonês de policiamento

Experiência comunitária importada para São Paulo nos anos 90 será estendida pela Polícia Militar para Unesp e Unicamp

**PMs terão treinamento e uniforme exclusivos para lidar com alunos; modelo ainda precisa de aprovação interna**

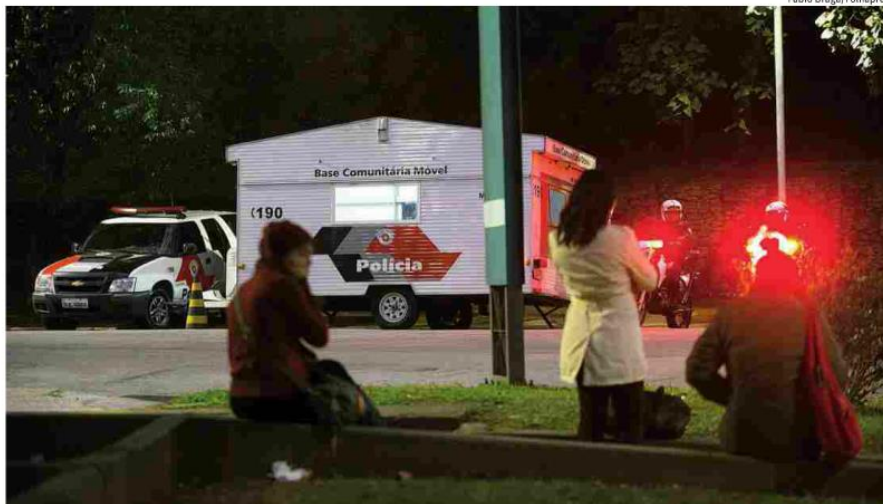
REYNALDO TUROLLO JR.  
LUCAS FERRAZ  
GUSTAVO URIBE  
DE SÃO PAULO

A Secretaria da Segurança Pública e a USP devem adotar a partir de setembro um novo modelo de policiamento comunitário na Cidade Universitária, zona oeste de SP.

Segundo o secretário Alexandre de Moraes, o policiamento, inspirado no modelo de polícia comunitária do Japão e importado para São Paulo no final dos anos 1990, também será estendido para Unesp e Unicamp.

“A companhia já está em fase de treinamento e terá entre 80 e 120 homens”, afirmou Moraes à **Folha**. Atuando em diferentes horários, esses policiais ficarão responsáveis pela segurança do campus, em uma área equivalente a 470 campos de futebol.

As tratativas entre Secretaria da Segurança e USP começaram no início deste ano. Para estudar o modelo de poli-



Base comunitária em operação próxima a portão da USP; segurança local será reforçada após recentes casos de violência

ciamento, a universidade montou um grupo de trabalho, coordenado por José Gregori, ex-ministro do governo FHC e presidente da Comissão de Direitos Humanos da USP.

Para Gregori, há um “consenso” na comunidade uspiana de que é necessário algum

tipo de policiamento no campus. Batizada de USP Segura, a proposta precisa ainda ser apresentada aos funcionários e alunos da instituição.

“Levou-se em conta que o campus, em alguns trechos, é um pedaço da cidade de São Paulo. A USP não é mais o lu-

gar isolado que foi no passado. Tem características de um pedaço de São Paulo, mas tem também especificidades”, afirmou Gregori.

“Quem está lá é, a rigor, um aluno com valores, maneiras de ver, diferenças históricas em relação a qualquer tipo de

policamento truculento. [O projeto] não se trata de uma coisa como nos velhos tempos, de dar primazia a uma visão policial”, completou.

Tradicionalmente, há resistência das entidades estudantis em aceitar a presença ostensiva da PM no campus.

Entre os motivos, as agremiações dizem considerar que a polícia pode reprimir atividades de cunho político e social.

O governo paulista informou ter feito um estudo para mapear o melhor local para instalar uma base fixa da Polícia Militar dentro do campus.

Os policiais deverão usar uma braçadeira no uniforme diferente da usual, de forma que o policial seja identificado como integrante do “Policiamento Comunitário USP”.

## VIOLÊNCIA

Alunos têm reclamado com frequência da escuridão em alguns pontos do campus e da falta de segurança. Também há frequentes registros de violência sexual. O mais recente ocorreu no dia 15 de junho, mas só foi denunciado à polícia no último dia 28.

Uma aluna do curso de economia da universidade, de 17 anos, foi estuprada nos arredores da praça do Relógio, área próxima à reitoria.

Segundo informações prestadas à polícia, ela foi abordada quando se dirigia ao banheiro, no início da noite, e ameaçada com uma faca. O suspeito é um jovem que, a princípio, não seria aluno da USP. Procurada, a universidade não quis comentar o caso.